

Novas hipóteses sobre a debucalização de /s/ no português brasileiro

Fábio dos Santos Tenório*

Indaiá de Santana Bassani†

Resumo

Debucalização é um processo fonológico caracterizado pela perda da articulação supraglotal com preservação do movimento de abertura da glote. Em uma abordagem autosegmental, o processo é caracterizado por meio do desligamento do nó de ponto. O segmento perde seus traços de cavidade oral e passa a ter somente traços laríngeos, emergindo como [h] ou [ʔ]. Este *squib* descreve e analisa tal processo no português brasileiro sob a ótica do modelo teórico proposto pela Fonologia Autosegmental, utilizando um conjunto de dados extraídos da literatura. Verificou-se que apesar de a debucalização ocorrer majoritariamente em coda silábica, podendo afetar, nessa posição, exclusivamente a fricativa não-vozeada /s/, os ambientes em que aparece são heterogêneos. Portanto, sugerimos que o traço fonológico [+spread] no próprio segmento alvo /s/ é o gatilho do processo. Após a problematização, permanece no horizonte da pesquisa a investigação de dados provenientes da cidade Fortaleza, uma vez que nesse dialeto fricativas vozeadas (/v/, /ʒ/ e /z/) podem ser afetadas.

Palavras-chave: debucalização, Fonologia Autosegmental, fricativa não-vozeada

Abstract

Debuccalization is a phonological process characterized by the loss of supraglottal articulation and preservation of the open glottis gesture. In an autosegmental approach, it is

*Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, membro do grupo de pesquisa InFoLinC – Investigações (In)Formais em Língua(gem) e Cognição, *e-mail*: fdstenorio@gmail.com.

†Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, membro do grupo de pesquisa InFoLinC – Investigações (In)Formais em Língua(gem) e Cognição, *e-mail*: indaia.bassani@unifesp.br. Agradecemos aos pareceristas anônimos pelos comentários fundamentais para a melhoria do manuscrito. As sugestões que não puderam ser implementadas no momento, permanecem em nossa agenda de pesquisa. Os problemas remanescentes são de nossa responsabilidade. Essa pesquisa foi financiada pela bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq concedida ao primeiro autor. Ao CNPq, nossos agradecimentos.

characterized through delinking of the Place node. The segment loses its oral tract features and is produced in the glotal region as [h] or [ʔ]. This squib describes and analyzes the occurrence of debuccalization in Brazilian Portuguese under an Autosegmental Phonology approach. The initial data set was obtained from descriptive literature. It was possible to observe that although debuccalization occurs mostly in syllabic coda, sometimes affecting exclusively the unvoiced fricative /s/ in this position, the environments in which the process occurs are heterogeneous. Therefore, we suggest that it is the feature [+spread] in the segment itself that is responsible for triggering the process. After the reflection, data from Fortaleza city remains for future research, since in this dialect voiced fricatives (/v/, /ʒ/ e /z/) are also affected.

Keywords: debuccalization, Autosegmental Phonology, unvoiced fricative

1 O processo de debucalização nas línguas naturais

Debucalização é um processo fonológico em que ocorre a perda da articulação supraglotal com preservação apenas do movimento de abertura da glote (MCCARTHY, 1988). Em termos autosegmentais, é o desligamento do nó de ponto, isto é, o segmento perde seus traços de cavidade oral, mas conserva seus traços laríngeos, emergindo, conseqüentemente, como [h] (fricativa glotal) ou [ʔ] (oclusiva glotal). A tal processo têm sido atribuídas distintas nomenclaturas, desde termos mais genéricos, como lenição (ou enfraquecimento), a termos mais singulares, como glotalização, aspiração e debucalização (FALLON, 1998). A escolha entre uma ou outra terminologia é pautada pelo enfoque que se deseja dar a certa face do processo. Por exemplo, embora a debucalização seja um tipo de lenição, o uso desse termo ressalta o processo de enfraquecimento em si, sua unidade (BAUER, 2008). Já o uso da terminologia debucalização, detém-se, especificamente, na perda da articulação bucal.

Este *squib* descreve e analisa, especificamente, a ocorrência do processo de debucalização no Português Brasileiro, doravante PB, sob a ótica do modelo teórico proposto pela Fonologia Autossegmental, em especial, a Geometria de Traços cunhada por Clements e Hume (1995), utilizando um conjunto de dados extraído de levantamento bibliográfico.

O processo de debucalização é um fenômeno translinguístico e tem sido atestado, sincrônica e diacronicamente, em diversas línguas naturais, como espanhol (TERRELL, 1978; KINGSTON, 1990), malaio (TRIGO, 1991), sânscrito (VAUX, 1998), tupi-guarani (JENSEN, 1999), tiriýó (PARKER, 2001; MEIRA, 2001), entre outras. A debucalização está presente, comumente, em fricativas não-vozeadas, sobretudo na alveolar, por exemplo /s/ > /h/, e em oclusivas, como /p/ > /ʔ/ (MCCARTHY, 1988; FALLON, 1998). Em ambos os casos, o modo de articulação costuma ser preservado, porquanto fricativas tendem a ser debucalizadas em

fricativas glotais e oclusivas em oclusivas glotais. Esse comportamento tem sido observado translinguisticamente e, por isso, Fallon (1998) admite ser concebível generalizar que fricativas sempre debucalizam em [h].¹

No tocante ao PB, não encontramos dados na literatura acerca da debucalização em oclusivas, mas apenas em fricativas vozeadas e, sobretudo, não-vozeadas. São seis os dialetos em que encontramos manifestações desse processo, a saber, nos falados em João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro (HORA; PEDROSA, 2009), Salvador (HORA; PEDROSA, 2009; LUCCHESI, 2009), Vitória da Conquista (COSTA; SILVA, 2014) e Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 2014; ARAGÃO, 2009; RODRIGUES; ARAÚJO, 2014). Apenas neste último, a debucalização ocorre tanto em fricativas vozeadas — /v/, /ʒ/ e /z/ — quanto em fricativa não-vozeada — /s/; os demais debucalizam exclusivamente a fricativa alveolar não-vozeada /s/, que é, majoritariamente, o segmento alvo no PB. Apesar de tais distinções, o resultado do processo é sempre uma fricativa glotal em todos os dialetos citados acima. Em consonância com McCarthy (1988) e Fallon (1998), a fricativa /s/, ao ser debucalizada, conservará, então, o modo de articulação.

Neste trabalho, por questões de espaço, nosso objetivo é explorar somente os dialetos em que a debucalização se deu exclusivamente em coda de sílaba, ou seja, afetou a fricativa não-vozeada /s/.² Os dados acerca de Fortaleza não serão analisados.³

2 A debucalização de /s/ no português brasileiro

Embora fonética e fonologicamente a fricativa não-vozeada /s/ ocorra em ataque e em coda de sílaba no PB (CÂMARA, 2009), sua debucalização foi atestada, nos seis dialetos aqui estudados, apenas em posição de coda, seja na posição medial (internamente à palavra (1a)), final (em final de palavra (1b)) ou final seguida de ataque (em fronteira de palavras (1c)).

(1) Coda de sílaba, posição medial

a. me/s/mo → me[h]mo → me[fi]mo ‘mesmo’

Coda de sílaba, posição final

b. gasto/s/ → gasto[h] → gasto[h] ‘gastos’

Coda de sílaba, posição final seguida de ataque consonantal

¹Embora Fallon tenha encontrado casos no proto-polinésio em que fricativas tornaram-se oclusivas após a debucalização, ressalta que os dados são de ordem diacrônica. Afirmo, ainda, que não encontrou comportamento semelhante em outras línguas, quer diacronicamente, quer sincronicamente.

²Neste *squib*, assumimos que a fricativa alveolar em posição de coda é sempre não-vozeada (/s/), pois nos parece mais econômico considerar que haja assimilação de vozeamento antes de consoantes vozeadas (a/s/ma > a/z/ma) do que desvozeamento em pausa (*pa/z/ > pa/s/).

³Os dados relacionados ao dialeto de Fortaleza têm apontado para uma hipótese fonética, distinta da que proporemos aqui. No item 4, comentaremos acerca disso.

c. o/s/ mesmos → o[h] mesmos → o[fi] mesmos ‘os mesmos’

No que diz respeito à debucalização nos dialetos de João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro e Salvador, Hora e Pedrosa (2009) analisam unicamente a posição silábica e apontam que o processo é mais suscetível quando em coda em final de palavra. Os autores, no entanto, não esclarecem se a ocorrência é maior em coda em final de palavra ou em coda em final de palavra seguida de ataque e também não consideram nenhum outro fator linguístico. Desse modo, restringem a análise à posição em que o segmento alvo ocupa na sílaba.

Por outro lado, em seu estudo do dialeto de Salvador, Lucchesi (2009) investigou cinco contextos em que a fricativa /s/ sofre debucalização, são eles: (i) posição silábica; (ii) tonicidade silábica; (iii) vogal imediatamente precedente; (iv) consoante da sílaba seguinte; (v) sonoridade da sílaba seguinte.

Em se tratando da posição silábica, a debucalização mostrou-se saliente quando /s/ está em final de palavra seguida por uma sílaba cujo ataque é [+consonantal], como exemplificado em (1c) acima. Neste caso, entendemos que o processo é favorecido em conformidade com a estrutura silábica do PB, cuja preferência é pela estrutura consoante-vogal, isto é, sílaba CV (CÂMARA, 2009). Se o ataque da palavra seguinte fosse [-consonantal], favorecer-se-ia a ressilabificação, mas não a debucalização, como em: lápis # azul > la.pi.za.zul (BISOL, 2004, p. 66). Quanto à tonicidade, o processo é favorecido em sílaba tônica, de acordo com (1a). Já em relação à vogal que antecede o segmento alvo, são sempre as [-altas] que propiciam o fenômeno, isto é, /a/, /ɛ/, /e/, /ɔ/ e /o/ (Cf. (1)). No que diz respeito às características da consoante da sílaba seguinte, são as nasais e as laterais que favorecem a debucalização (Cf. (1a) e (1c)).

Costa e Silva (2014) exibem dados semelhantes ao analisarem o dialeto de Vitória da Conquista. Os autores optaram por delimitar o estudo apenas para a análise da coda silábica em final de palavra, isso porque, segundo eles, os resultados de debucalização em coda medial podem ter sido influenciados pela repetida ocorrência de tal processo nos itens lexicais *mesmo* e *desde*.⁴ Dito isso, observa-se que os traços [+soante] e [+sonoro] da sílaba seguinte à fricativa /s/ são os facilitadores da debucalização, como exemplificado em (2).

(2) *Coda final seguida de ataque consonantal [+soante]*

a. trê/s/ léguas → tre[fi] ‘três léguas’

⁴Os autores afirmam que os itens *mesmo* e *desde* são fruto de um processo de difusão lexical, uma vez que no corpus analisado a mudança /s/ > /h/ na posição de coda medial se deu quase que exclusivamente em ambos. Por difusão lexical, Costa e Silva entendem “uma regra que se espalha gradativamente sobre o léxico, mas com mudança abrupta do segmento sonoro” (2014, p. 634). Não nos parece interessante tratar o fenômeno em coda medial ou final em termos de uma mudança lexical ou automática, pois a mudança sofrida pelo segmento na coda em posição final de palavra ou em posição medial é fonética e fonologicamente a mesma, embora nesse corpus a ocorrência destes dois itens lexicais seja maior.

b. sei/s/ netos → sei[fi]neto ‘seis netos’

Diante dos dados até aqui apresentados, parece evidente a heterogeneidade dos contextos em que se manifesta a debucalização da fricativa não-vozeada /s/. Os dialetos de João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro e Salvador debucalizam menos em coda medial que em final. O dialeto de Salvador tende a debucalizar mais em coda final sempre que /s/ for seguido por segmento [+consonantal], sobretudo o nasal ou o lateral. Aqui, a sílaba tônica também é um ambiente favorecedor. Por fim, o dialeto de Vitória da Conquista apresenta os contextos consonantais [+soante] e [+sonoro] como facilitadores do processo em questão.

Se compararmos os ambientes linguísticos em que a debucalização se manifesta no PB com os de outras línguas, tampouco nos é possível extrair uma generalização. Novamente, o processo se revela heterogêneo tendo este ou aquele ambiente como favorecedor, variando de acordo com cada língua/dialeto. Em vista dessa heterogeneidade e conseqüentemente da ausência de um contexto único como motivador do processo, analisaremos, na próxima seção, a própria fricativa não-vozeada /s/ como motivadora do processo de debucalização.

3 A proposta de Vaux (1998) para a fricativa não-vozeada /s/: (des)concordâncias entre fonética e fonologia

Na impossibilidade de delimitar um único contexto de atuação do processo de debucalização no PB, como ressaltado na seção anterior, nossa investigação debruçou-se sobre o segmento alvo em si, isto é, a fricativa não-vozeada /s/. Já apontamos que o fenômeno em questão é translinguístico e que com frequência afeta o segmento /s/. Nesse sentido, é legítimo questionar se a própria fricativa não-vozeada detém algum traço ou propriedade que dispararia a debucalização. Consideramos primordial, então, percorrer as representações que as teorias fonéticas e fonológicas trazem a respeito da fricativa não-vozeada /s/.

Embora a Fonética e a Fonologia compartilhem, de modo geral, o mesmo objeto de estudo, os sons das línguas naturais, não é incomum que diante do mesmo fenômeno apresentem diferentes e, por vezes, conflituosas abordagens. Isso se dá porque os objetivos de cada campo de estudo podem ser bem distintos, daí buscarem resultados distintos. Ainda assim, nem sempre é possível separá-las e suas fronteiras facilmente se confundem. Como bem aponta Cagliari (2002), a análise fonética sempre é pressuposta em qualquer teoria fonológica e o imbricamento entre ambas é fundamental para compreender a realidade sonora das línguas, pois a abordagem por um único viés compromete a análise linguística.

Felizmente, parte dos trabalhos produzidos dentro de ambas as áreas tem buscado minimizar as distâncias. É o que faz o foneticista Widdison (1995) ao tratar da debucalização no espanhol. Para ele, é altamente superficial o tratamento que o fenômeno aqui analisado tem recebido por parte da teoria fonológica, já que esta considera apenas os princípios fonéticos mais

gerais de tal processo, descrevendo-o como um simples enfraquecimento articulatório de /s/, provocado pela conhecida erosão fonética em posição de coda silábica (TERRELL, 1979, 1986 apud WIDDISON, 1995, p. 330). Não basta, portanto, atribuir, como causa do processo, unicamente a posição silábica ocupada pelo segmento alvo. O autor afirma que é preciso, também, investigar o segmento alvo em si.

Widdison (1995) faz críticas especialmente à Fonologia Autossegmental, argumentando contra o valor binário dos traços distintivos e a favor de uma representação que conceba a fisiologia da produção dos sons fricativos como possível fator responsável por disparar o fenômeno. Por ser binária, a Fonologia Autossegmental representa a configuração de abertura da glote apenas de duas maneiras: ou indicando um gesto de ampla abertura [+spread],⁵ ou indicando a ausência deste gesto [-spread]. Widdison aponta que tal abordagem não faz menção ao dinamismo que ocorre na região glotal. Sua principal crítica consiste em que a teoria fonológica autossegmental, por postular traços distintivos binários, não leva em consideração a dinâmica da mudança ocorrida no estado da glote durante a fricção de /s/. O autor aponta que a glote pode estar suficientemente fechada [-spread] para produzir uma fricativa vozeada, mas estar suficientemente aberta [+spread] para dar à vogal que precede /s/ uma qualidade aspirada (LADEFOGED, 1993 apud WIDDISON, 1995, p. 332). Neste caso, teríamos graus de abertura da glote distintos para fricativas não-vozeadas e vozeadas: nestas, a abertura é menor e, portanto, os sons são caracterizadas como [-spread]; naquelas ocorre o inverso, ou seja, a abertura é maior e, por isso, são caracterizadas como [+spread]. São justamente esses movimentos da glote que podem produzir, conforme Widdison, um “efeito aspirado”, algo que o binarismo fonológico não pode prever, já que enxerga somente os valores positivo ou negativo do traço [spread] e, assim, se torna incapaz de detalhar o ajuste glotal na produção da fricativa.

Widdison (1995) propõe que o binarismo seja substituído por uma escala variável de abertura da glote. Isso significa que em vez de conceber a ausência ou presença do traço [spread], a teoria deverá sinalizar o grau de abertura da glote numa escala variável em que os limites seriam glote totalmente aberta e glote totalmente fechada.

Dentro da fonologia, é Vaux (1998) quem busca aproximar ambos os campos teóricos ao concordar que as fricativas não-vozeadas são, como sugerem Kingston (1990) e outros foneticistas, geralmente produzidas com um espraçamento da glote.

Tradicionalmente, a teoria fonológica postula que o estado não-marcado das fricativas é [-spread glottis] (HALLE; STEVENS, 1971 apud VAUX, 1998). Vaux (1998), por outro lado,

⁵O traço [+spread glottis] fonologicamente está presente no segmento [h] e nas vogais e consoantes aspiradas (HAYES, 2009). Este traço é necessário para indicar, em nível fonológico, que o segmento possui algum grau de aspiração. Quanto à articulação, os sons [+spread] se realizam com o espraçamento da glote, isto é, um amplo grau de abertura desta. Literalmente, o termo significa [+glote espraçada]. Matzenauer (2005) o traduz como [glote não constrita]. Aqui, decidimos por não traduzi-lo para evitar confusões terminológicas.

sugere que as fricativas não-vozeadas são [+spread glottis], enquanto as fricativas vozeadas são [-spread glottis]. Isso porque, nas línguas analisadas pelo autor, as fricativas não-vozeadas são capazes de provocar aspiração no segmento imediatamente adjacente, mas as fricativas vozeadas não. A aspiração nestas línguas, conclui o autor, é disparada pelo traço [+spread] presente nas fricativas não-vozeadas.

Dentre os dados apresentados por Vaux (1998, p. 498), consta o do dialeto armênio falado em Nova Julfa, em que o prefixo k- torna-se aspirado ao assimilar o nó laringal da consoante que o sucede sempre que esta for aspirada, conforme (3a), ou fricativa não-vozeada, como em (3b). Qualquer outro segmento, não dispara a aspiração (Cf. (3c)), inclusive fricativa vozeada (Cf. (3d)). É para dar conta, portanto, da presença de aspiração no prefixo k- diante de fricativas não-vozeadas, mas nunca de vozeadas, que o autor defende a presença do traço [+spread] naquelas.

Aspiração no dialeto armênio Nova Julfa

(3) <i>Forma subjacente</i>		<i>Forma de superfície</i>	
a. k-g ^h -o-m	>	g ^h əg ^h om	‘eu virei/ vou ir’
b. k-savor-ie-m	>	k ^h əsavoriem	‘crescerei acostumado(a) a’
c. k-t-a-m	>	kətam	‘eu darei/ vou dar’
d. k-zr-am	>	gəgzaram	‘eu zurrarei/ vou zurrar’

Vaux (1998) concorda que, foneticamente, o movimento da glote é diferente para fricativas vozeadas e não-vozeadas. Nestas, as cordas vocais estão separadas e produzem uma glote amplamente aberta. Naquelas, a configuração é mais complexa, pois é preciso que as cordas vocais se aproximem para produzir vozeamento, mas mantenham certo grau de abertura da glote para produzir suficiente fluxo de ar a fim de gerar a turbulência necessária dos sons fricativos. Nesse sentido, o autor propõe que o binarismo do traço [spread] seja compreendido como ilustrado em (1), na figura seguinte, em que a glote apresenta graus de abertura tanto para sons [+spread] quanto para sons [-spread], em oposição à representação mais usual ilustrada em (2), em que a total abertura ou total fechamento da glote é o que determina o valor do traço [spread].

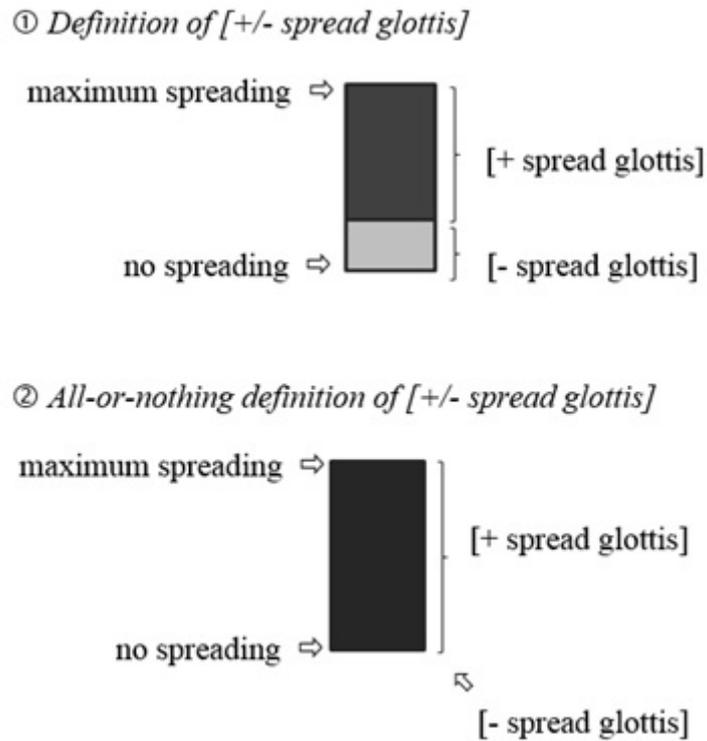
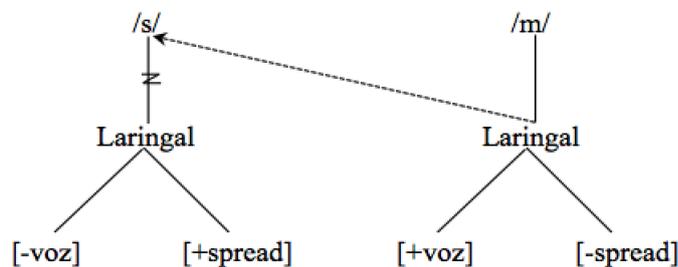
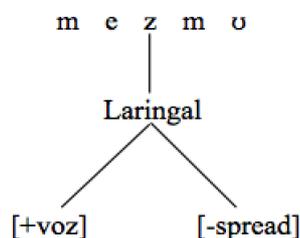


Figura 1: Definição do traço [spread], conforme Vaux (1998, p. 509).

No PB, fricativas vozeadas fonológicas só se manifestam em ataque silábico: “lu/v/a”, “/ʒ/anela”, “/z/aga”. Quando em coda, sua ocorrência é sempre fonética e decorre do processo de assimilação do vozeamento do segmento seguinte, cujo resultado está sujeito à variação dialetal (CÂMARA, 2009, p. 52), por exemplo: /mes.mo/ > [meʒ.mʊ] ou [mez.mʊ]. Assim, em /mesmo/, a fricativa não-vozeada assimila o nó laringal da nasal seguinte, como em (4a), produzindo uma fricativa vozeada na superfície, conforme (4b).

(4) a. *Espraiamento do nó laringal em /mesmo/ conforme Vaux*



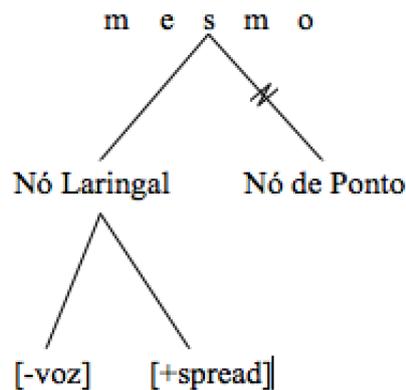
b. *forma de superfície*

Isso nos mostra que, embora a fricativa fonológica seja sempre não-vozeada em coda silábica, é possível haver fricativa fonética vozeada nessa mesma posição como fruto de processo fonológico. A importância em ressaltar essa regra de assimilação tão amplamente conhecida no PB reside no fato de que, se assumirmos a proposta de Vaux (1998), em que fricativas não-vozeadas são [+spread glottis], e se assumirmos igualmente que este traço é o responsável pela debucalização, como o é na aspiração, devemos esperar que apenas fricativas não-vozeadas possam sofrer o processo de debucalização em decorrência de sua representação como [+spread].

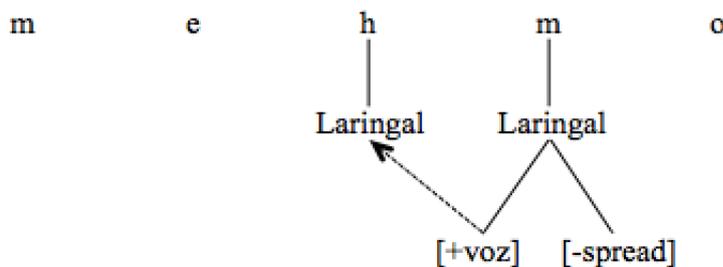
Neste sentido, os dados do PB estão em concordância com a teoria de Vaux (1998), já que nos mostram que, com exceção do dialeto falado em Fortaleza, a debucalização só ocorre em coda. Dessa maneira, só afeta fricativa não-vozeada, a qual pode, como descrito acima em (4), tornar-se vozeada nesta posição via processo de assimilação.

Entretanto, sendo o traço [+spread] responsável por disparar o processo, é cabível inferir que a regra de assimilação do traço [voz], se aplicada antes da debucalização, retira-lhe o contexto e impede sua aplicabilidade, pois, ao assimilar o nó laringal, não só o vozeamento se modifica como também a configuração da glote passa de [+spread] para [-spread], o que impediria a debucalização. Para que esta ocorra, então, espera-se o ordenamento de regras, segundo proposto em (5), em que primeiramente se dá o desligamento dos traços do nó de ponto da fricativa /s/, como ilustrado em (5a). Com isso, gera-se um segmento debucalizado, neste caso, a fricativa glotal não-vozeada /h/, que assimilará, conforme (5b), o vozeamento do segmento nasal adjacente via espreadimento do traço [+voz], emergindo foneticamente como fricativa glotal vozeada /fi/, (5c).

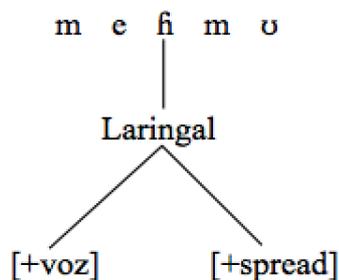
(5) a. *Debucalização*



b. *Espraiamento de [+voz]*



c. *forma de superfície*



Se, ao contrário, primeiramente fosse aplicada a assimilação como sugerido em (6), possivelmente não ocorreria a debucalização, pois nesse caso teríamos uma fricativa vozeada [-spread] e não haveria mais o traço [+spread] para disparar o processo. Esse ordenamento talvez explique a baixa ocorrência do processo de debucalização no PB, uma vez que a aplicabilidade da regra de assimilação é bastante ampla no sistema da língua.

- (6) a. 'mes.mo forma subjacente
- b. 'mez.mo espraiamento do traço [+voz]
- c. 'mez.mʊ forma de superfície

Desse modo, a análise aqui apresentada, ao mesmo tempo em que se baseia na proposta apresentado por Vaux (1998), parece corroborar com ela, uma vez que fricativas não-

vozeadas são fonologicamente distintas de fricativas vozeadas. Esse comportamento é atestado nas línguas analisadas pelo autor e também nos dialetos do PB aqui apresentados. Acreditamos que a fricativa não-vozeada /s/ seja representada fonologicamente como [+spread] e sugerimos que esse traço possa ser o principal motivador do processo de debucalização no PB.

4 Considerações Finais

Os dados do PB não nos permitem concluir que o ambiente, em termos dos segmentos adjacentes ao segmento alvo, atua de maneira determinante no processo de debucalização. É fato que a coda silábica foi, dentre os ambientes analisados, o único recorrente em todos os dialetos do PB. No entanto, é sabido que o segmento em posição de coda está mais suscetível a sofrer enfraquecimento e/ou apagamento. Não nos parece que seja explicação suficiente assumir que a localização em posição de coda desencadeia a debucalização. Se assim o fosse, esperaríamos que ela se aplicasse a qualquer segmento que ocupa esta posição no PB, fato não atestado. Reconhecemos, entretanto, que tal posição favorece sobremaneira a debucalização, assim como favorece apagamentos e vocalizações.

Quanto aos traços e propriedades dos segmentos adjacentes ao segmento alvo (/s/), vemos que, em geral, há descrição de mais de um fator como (des)favorecedor do processo aqui tratado (em geral, vários fatores). O ambiente, portanto, não dispara ele mesmo a debucalização, isto é, não parece agir como gatilho, mas sim como facilitador do processo, em maior ou menor grau em diferentes dialetos. Isso corrobora a hipótese de Vaux (1998), em que o traço [+spread] presente fonologicamente em /s/, é o responsável por disparar a debucalização.

Por fim, é preciso observar que nossa hipótese de que o traço [+spread] é o gatilho do processo de debucalização, não alcança a ocorrência deste fenômeno no dialeto de Fortaleza, em que a debucalização acontece também em ataque silábico, afetando as fricativas vozeadas /v/, /ʒ/ e /z/, portadoras de [-spread]. No momento, consideramos dois caminhos de investigação, que não poderemos perseguir, neste momento, mas que ficam em uma agenda futura de pesquisa. Primeiramente, os dados relacionados a esse dialeto nos fazem pensar na pertinência de uma hipótese fonética mais detalhada, em que as propriedades aerodinâmicas dos segmentos fricativos, em geral, poderiam ser responsáveis pelo desligamento dos traços de cavidade oral. Como exemplo de uma dessas propriedades, temos o grau de abertura da glote exigido para produzir a turbulência do ar durante a fricção, mesmo em segmento fricativos vozeados. Widdison (1995), por exemplo, ilustra que na transição entre a produção de uma vogal e a fricativa [s] há sempre um momento de fricção glotal, percebida pelo ouvinte como [h]. Essa seria uma motivação puramente fonética que poderia desencadear o processo de debucalização. A investigação dessa hipótese também passa, necessariamente, pela investigação de segmentos fricativos em posição de ataque que nunca sofrem debucalização.

Uma outra hipótese nos levaria a tratar os dados de Fortaleza como fenômeno distinto, de modo que não atingiríamos uma análise uniforme para o PB. Nesse caso, outras razões, que não as propriedades do segmento em si, deveriam explicar o processo. Como mencionado, tais problemáticas devem figurar nos próximos passos da pesquisa.

Referências

- ARAGÃO, M. S. S. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, p. 187-200, 2009.
- BAUER, L. Lenition Revisited. *Journal of Linguistics*, v. 44, n. 3, p. 605-624, nov., 2008.
- BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA* [online], v. 20, n. especial, p. 59-70, 2004.
- CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, p. 245-306, 1995.
- COSTA, C. P. G.; SILVA, J. J. D. Debucalização e Fonologia Autossegmental. *Letrônica: Fonologia e Variação Fonético-Fonológica & Viagem e Literatura*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 627-651, jul./dez., 2014.
- FALLON, P. D. Debuccalization. *The synchronic and diachronic phonology of ejectives*. Tese (Doutorado em Linguística). The Ohio State University, Ohio, 1998.
- HAYES, B. Features. *Introductory Phonology*. Oxford: Blackwell, p. 70-102, 2009.
- HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, p. 111-128, 2009.
- JENSEN, C. Tupí-Guaraní. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 125-164, 1999.
- KINGSTON, J. Articulatory binding. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. E. (Eds.). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 406-434, 1990.
- LUCCHESI, D. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, p. 83-110, 2009.
- MATZENAUER, C. L. B. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.11-81, 2005.
- MCCARTHY, J. J. Feature geometry and dependency: A review. *Phonetica*, v. 45, n. 2-4, p. 84-108, 1988.
- MEIRA, S. Linguistic Theory and Linguistic Description: The Case of Tiriyó [h]. *International Journal of American Linguistics*. v. 67, n. 2, p. 119-135, abr., 2001.
- PARKER, S. On the Phonemic Status of [h] in Tiriyó. *International Journal of American Linguistics*, v. 67, n. 2, p. 105-118, abr., 2001.

- RODRIGUES, A. G. P.; ARAÚJO, A. A. Tarra onde, menina réa? A aspiração de /v/ no falar de Fortaleza. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 11-58, jul./dez., 2014.
- RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. *Revista de Letras*. v. 1, n. 33, p. 9-50, jan./jun., 2014.
- TERRELL, T. D. La aspiración y elisión de /s/ en el español porteño. *Anuario de Letras*. v. 16, p. 41-66, 1978.
- TRIGO, L. On pharynx-larynx interactions. *Phonology*. v. 8, n. 1, p. 113-136, 1991.
- VAUX, B. The Laryngeal Specifications of Fricatives. *Linguistic Inquiry*. v. 29, n. 3, p. 497-451, 1998.
- WIDDISON, K. A. Two models of Spanish s-aspiration. *Language Sciences*. v. 17, n. 4, p. 329-343, 1995.

Squib recebido em 22 de agosto de 2016.

Squib aceito em 29 de setembro de 2016.